BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

UTOPIA, DISTOPIA E MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO: CONCEITOS ESSENCIAIS PARA ENTENDIMENTO DA REALIDADE

UTOPIA, DYSTOPIA, AND DIALECTICAL HISTORICAL MATERIALISM: ESSENTIAL CONCEPTS FOR UNDERSTANDING CONCRETE REALITY

UTOPÍA, DISTOPÍA Y MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉCTICO: CONCEPTOS ESENCIALES PARA LA COMPRENSIÓN DE LA REALIDAD

https://doi.org/10.56238/bocav25n82-009

Data de submissão: 16/08/2026 **Data de publicação:** 16/09/2026

Tatiane Clair Santos da Silva
Especialização em Educação Especial; Graduada em Letras
Instituição: Centro Universitário Leonardo da Vinci; Universidade Unida de Suzano
E-mail: tatyclayr@gmail.com

Roberto de Oliveira Junior
Especialização em Metodologia do Ensino de Biologia; Graduado em Ciências Biológicas
Instituição: Centro Universitário Internacional Uninter; Universidade Norte do Paraná
E-mail: oliveirajuniorroberto725@gmail.com

Geysuellen da Silva Ferreira dos Santos
Graduada em Arquitetura e Urbanismo
Instituição: Universidade Braz Cubas
E-mail: suelleninteriores2@gmail.com

Guilherme Santos Cruz e Silva
E-mail: guilherme3005sa@gmail.com

RESUMO

Este ensaio teve como objetivo realizar uma breve reflexão sobre os conceitos de utopia, distopia e materialismo histórico dialético e suas importâncias para se entender a realidade concreta. A priori, realizou-se considerações sobre a importância dos conceitos para entender a realidade dada. Na sequência, buscou-se definir com exemplos de obras literárias, sistemas de governos etc., os conceitos de utopia, distopia e MHD. Por fim, buscou-se mostrar que esses conceitos e método de estudo da realidade, são de fundamental importância para se entender o cotidiano aparente, tendo em vista uma compreensão mais apurada de sua essência.

Palavras-chave: Conceitos. Utopia. Distopia. Materialismo Histórico Dialético.

ABSTRACT

This essay aimed to conduct a brief reflection on the concepts of utopia, dystopia, and dialectical historical materialism, and their importance for understanding concrete reality. Initially, considerations

were made regarding the importance of the concepts for understanding the given reality. Subsequently, the concepts of utopia, dystopia, and dialectical historical materialism were defined using examples from literary works, government systems, among others. Finally, this study sought to demonstrate that these concepts and methods of studying reality are of fundamental importance for understanding everyday appearances, with a view to a more refined comprehension of their essence.

Keywords: Concepts. Utopia. Dystopia. Dialectical Historical Materialism.

RESUMEN

Este ensayo tuvo como objetivo realizar una breve reflexión sobre los conceptos de utopía, distopía y materialismo histórico dialéctico y sus importancias para entender la realidad concreta. A priori, se realizaron consideraciones sobre la importancia de los conceptos para entender la realidad dada. En la secuencia, se buscó definir con ejemplos de obras literarias, sistemas de gobiernos etc., los conceptos de utopía, distopía y MHD. Por fin, se buscó mostrar que esos conceptos y método de estudio de la realidad, son de fundamental importancia para entender lo cotidiano aparente, teniendo en vista una comprensión más depurada de su esencia.

Palabras clave: Conceptos. Utopía. Distopía. Materialismo Histórico Dialéctico.

1 INTRODUÇÃO

Utopia, distopia e Materialismo Histórico Dialético (MHD), o que estes conceitos e método de estudo tem em comum? Como podem ser entrelaçados? Foi este o objetivo deste ensaio, refletir brevemente sobre os conceitos de utopia, distopia e do método de estudo da realidade, MHD, e a importância destes para compreender a realidade concreta.

Para iniciar as reflexões, achou-se por bem, para melhores compreensões, entender o que são conceitos (filosóficos).

Didaticamente falando, conceitos são mecanismos importantes para teorizar e compreender a realidade. De acordo Com Japiassú & Marcondes (2001), a palavra conceito tem origem na expressão latina *concepturn*, que por sua vez, se refere a pensamento, ideia.

Em seu sentido geral, conceito é uma noção abstrata ou ideia geral. Do ponto de vista lógico, o conceito é caracterizado por sua extensão e por sua compreensão. Para a filosofia de Emanuel Kant (1724-1804), o conceito é uma encruzilhada de juízos virtuais, um esquema operatório cujo sentido só possuiremos quando soubermos utilizar a palavra em questão.

Ainda de acordo com Japiassú e Marcondes (2001, p. 39), conceito em filosofia é um termo chave, pois, "*[...] designa uma idéia abstrata e geral sob a qual podemos unir diversos elementos. Só em parte é sinônimo de idéia, palavra mais vaga que designa tudo o que podemos pensar ou que contém uma apreciação pessoal[...].*" Para os mesmos autores, o conceito comporta, como fundamentos de sua construção dois elementos: *"a) a compreensão ou o conjunto dos caracteres que constituem a definição do conceito (o homem: animal. mamífero, bípede etc.): b) a extensão ou o conjunto dos elementos particulares dos seres aos quais se estende esse conceito."* Japiassú e Marcondes (2001, p. 40) explicam ainda que, a compreensão e a extensão se encontram numa relação inversa, pois *"quanto maior for a compreensão menor será a extensão: quanto menor for a compreensão maior será a extensão."*. Pode-se entender, portanto, que a palavra conceito significa definição, concepção ou caracterização. É a formulação de uma ideia por meio de palavras ou recursos visuais.

Partindo destes entendimentos, pode-se compreender que os conceitos são abstrações essenciais, não apenas para se compreender a realidade, mas também para teorizar sobre ela, ou seja, construir utopias, distopias e assim entender, hipotetizar sobre a realidade dada. Os sistemas – pensando em termos de pensamento, ideologia –, tem fundamentação em utopias e distopias.

2 UTOPIA

> A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (Fernando Birri, apud Eduardo Galeano)

A palavra "utopia" tem origem nos termos gregos "u" (prefixo empregado com conotação negativa) e "tópos" (lugar), significando "não-lugar" ou "lugar que não existe". O termo foi empregado pela primeira vez na obra do escritor inglês Thomas More, por volta do ano de 1516. O termo utopia é usado em muitas ocasiões como sinônimo de impossível, entretanto, essa forma de pensar não deixa de ser um grave erro, pois é exatamente a utopia que permite ir além do imediato e hipotetizar o futuro, o amanhã, outras perspectivas para as sociedades. Portanto, utopia é uma realidade fantasiada, mas em potência.

Outras obras filosóficas que trabalham o conceito de utopia são: "O Capital" de Karl Marx (1848); "A Utopia Moderna" do romancista inglês Herbert George Wells (1905); "A História das Utopias" do escritor norte-americano Lewis Mumford (1922) e "O Fim da Utopia" do filósofo alemão Herbert Marcuse (1980).

3 DISTOPIA

> "War is peace. Freedom is slavery. Ignorance is strength."[1] (GEORGE ORWELL,1984, p. 4).

A distopia, também conhecida como antiutopia, é geralmente caracterizada por situações totalitarias, autoritarismo e opressão, controle da sociedade por métodos violentos, antidemocráticos.

A distopia é comumente caracterizada em criações ficcionais, os autores que exploram a questão, costumam retratar o futuro de uma maneira negativa, com uma sociedade oposta à utópica.

O termo "distopia" foi repercutido pelo pensador John Stuart Mill, que em 1868 sentiu necessidade de uma palavra que explicasse bem o suficiente a inversão dos valores utópicos de Morus na era industrial.

Num sentido político, filosófico e literário distopia é uma sociedade imaginaria que atingiu um elevado nível de repressão e vigilância. Uma sociedade que, ao invés de viver em harmonia, em prol

[1] Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força. (GEORGE ORWELL,1984, p. 4).

do bem de todos, vive num estado de grande tensão, de modo que só um pequeno grupo de privilegiados disfruta de alguma liberdade, enquanto a grande maioria é controlada por estes. Portanto, uma distopia é o antônimo de uma utopia.

Um exemplo famoso de distopia é a obra *"Admirável Mundo Novo"* (1932), de Aldous Huxley. Nesta, Huxley narra um hipotético futuro distópico, onde os indivíduos são pré-condicionados biologicamente e vivem em uma sociedade organizada por castas. Outro clássico distópico é *"1984"*, do autor britânico George Orwell. Publicada em 1949, a obra retrata o cotidiano de um regime político totalitário e repressivo.

4 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

De acordo com Triviños (1987, p. 57), o MHD *"é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade."* Teorizado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o materialismo histórico-dialético tem um enfoque teórico, metodológico e analítico para compreender a dinâmica e as grandes transformações da história e das sociedades humanas.

Conceitualmente, o termo **materialismo** diz respeito à condição material de existência humana, o termo **histórico** parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos, e o termo **dialético** tem como pressuposto o "movimento da contradição" produzida na própria história.

O MHD diverge da escola idealista, porque pressupõe que a realidade da natureza deve ser o ponto de partida, e não a imaginação humana. Isto quer dizer que na vida social mudam, primeiro, as condições externas, ou seja, mudam primeiro as condições materiais, e como efeito, mudam também o modo de pensar dos homens, seus usos e costumes, sua concepção do mundo. Por isso diz Marx (1975) "Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, seu ser social é que determina sua consciência". Deixando claro que a consciência humana tem como base a realidade material.

Para Marx (1975), as relações sociais estão inteiramente interligadas e condicionadas às forças produtivas (econômicas) sendo estas as determinantes. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção, bem como, modificando todas as relações sociais. Na medida em que mudam os modos de produção, a consciência dos seres humanos também se transforma.

O MHD busca explicar a história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais, essencialmente os econômicos e técnicos. A sociedade neste caso é comparada a um edifício no qual as fundações, a **infraestrutura**, seriam representadas pelas forças econômicas, enquanto o edifício em si, a **superestrutura**, representaria as ideias, costumes, instituições (políticas, religiosas, jurídicas). Sendo a base da sociedade a produção econômica (infraestrutura), portanto, sobre esta base econômica se ergue uma superestrutura, isto é, um Estado, as ideias econômicas, sociais, políticas, morais, filosóficas e artísticas.

Em síntese, o materialismo histórico dialético busca compreender o modo humano de produção social de sua existência, vinculando-se a uma concepção de realidade. Parte do pressuposto que o universo e tudo o que nele há tem existência material, concreta, e pode ser racionalmente conhecido. Esse conhecimento que é produzido pelo sujeito, reproduz o real em suas múltiplas determinações com o objetivo de superar a aparência mediata das coisas e atingir a sua essência.

5 UTOPIA, DISTOPIA E MHD

Os conceitos brevemente refletidos acima permitem a compreensão mais aprofundada e crítica sobre a realidade estabelecida historicamente. Como pôde ser observado, a utopia é essencial quando se pensa em uma sociedade mais justa. Muitas vezes a distância entre o real e o ideal está atravessado por um abismo em termos de realidade. Contudo, é de suma importância usar utopias para se alcançar os ideais, mesmo que não seja alcançada a ideia, concepção ou percepção utópica em si.

A distopia como visto, é o oposto da utopia, esta representa regimes autoritários e antidemocráticos. Infelizmente regimes distópicos estiveram em efetividade ao longo de muitos anos em muitos países, em alguns países ainda prevalecem. Embora, em muitos governos reconhecidos como democráticos, há ações distópicas. Isto fica patente com o descaso de muitos governos para com políticas sociais efetivas de ascensão social para as classes desprivilegiadas.

A realidade é alienada e não é fácil de enxergar e entender suas contradições, daí a importância de um método científico sério para estuda-la e buscar descortinar o invisível e assim melhor compreendê-la. Entende-se que a esse respeito, o MHD seja um dos métodos mais eficazes para compreender de forma crítica a realidade dada.

O MHD permite ainda, entender as utopias e distopias presentes no núcleo social. O MHD leva a enxergar os condicionantes sociais, as classes privilegiadas, os detentores do poder, as ideologias,

seus significados e objetivos. Permitindo assim teorizar sobre os princípios fundamentadores das sociedades e seu caminhar histórico. Possibilidade, inclusive, intervir em suas contradições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo realizar breves reflexões sobre os conceitos de utopia, distopia e materialismo histórico dialético, suas implicações e importâncias para entendimento da realidade concreta.

As reflexões desenvolvidas evidenciaram que os conceitos de utopia e distopia são de extrema importância para ler acriticamente a realidade. Por sua vez, o MHD, enquanto método de estudo da realidade, permite entender com mais profundidade crítica o cotidiano aparente, alienado e condicionador.

REFERÊNCIAS

GEORGE ORWELL. 1984. Tradução de Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUXLEY, A. Admirável Mundo Novo. Rio de Janeiro: Globo, 1932.

JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. Terceira edição revista e ampliada. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. Lisboa: Presença, 1975.

MORUS, T. Utopia. Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco. - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.